



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

SHIRLEY ALVES FERREIRA

A SAÚDE DO PROFESSOR

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GO/2013

SHIRLEY ALVES FERREIRA

A SAÚDE DO PROFESSOR

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS – GO/2013

FERREIRA, Shirley Alves. A Saúde do Professor, Alto Paraíso de Goiás - GO, Março de 2013. 56 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/ UnB-UAB

A SAÚDE DO PROFESSOR

SHIRLEY ALVES FERREIRA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Banca Examinadora:

Presidente da Banca: Profa. Dr^a. Raquel de Almeida Moraes (FE-UnB)

Prof. Dr. Renato Hilário

Professora Tutora Ms. Andréia Mello Lacé

***“Mas os que esperam no Senhor renovam suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.”
(Isaías 40:31)***

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado primeiramente aos meus pais, Erotides Alves Ferreira e Norbenildes Ferreira Alves, as pessoas mais especiais desse mundo, por todo amor, carinho e dedicação que sempre demonstraram por mim. Pelo esforço realizado a cada dia para me educar da melhor maneira possível e por me proporcionar uma vida digna, e por me criarem segundo as orientações bíblicas ensinando-me que o mais importante é ter educação, respeito e amor ao próximo.

Meus pais são e, sempre serão à base da minha vida, o exemplo que eu quero seguir.

Ao meu marido Cleiton Alves Cabral pelo incentivo de sempre, pelo amor e carinho dedicado a mim mesmo nos momentos em que não dei a atenção que ele merecia.

Dedico também aos meus irmãos Wendel Alves Ferreira e Stânley Alves Ferreira, que desde criança, sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes da minha vida. Eles são mais que irmãos, são companheiros.

Agradeço a eles todo carinho, todo cuidado demonstrado até hoje.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador, que me concedeu o dom da vida e a garantia da Salvação.

À minha amada família, a quem dedico este trabalho, em especial a minha mãe Norbenildes por não me deixar desistir dos meus sonhos e por assumir várias das minhas responsabilidades, com o intuito de deixar mais tempo livre para que eu pudesse me dedicar mais aos estudos. O meu pai, Erotides, que mesmo não tendo o Ensino Fundamental, sempre se dispôs a me ajudar no que fosse preciso e, sobretudo, por abrir minha mente em relação a várias atividades da faculdade. Aos meus irmãos Wendel e Stânley, que me ensinaram o verdadeiro significado do amor incondicional. Ao Cleiton, meu marido, por dividir cada conquista, cada medo, cada sonho. E pelo prazer de construir um amor verdadeiro. A meus amigos que sempre estiveram presentes em minha vida, até aqueles que hoje se encontram distantes. Aos amigos que conquistei na UAB/UnB e que me proporcionaram momentos inesquecíveis e pela amizade que construímos. A Edma Carvalho e Marta C. Silva, que não foram apenas tutoras, e sim verdadeiras amigas, muito queridas que, não mediram esforços para me ajudar no decorrer de todo curso e que mesmo diante de muitas responsabilidades pessoais que tinham, nunca desistiram de mim. A Ana Paula Carvalho (Paulinha), pelo carinho de sempre, em todos os momentos que convivemos. A minha nobre colega de trabalho Rijane Aparecida Ferreira, por dividir minhas responsabilidades no trabalho, pelo apoio e incentivo; Jamais poderei retribuir as gentilezas. A todos que desempenham papéis importantes na minha vida, e que fazem dela uma experiência maravilhosa.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

LISTAS DE GRÁFICO E TABELAS

Gráfico 1 – Questionário SRQ – Humor Depressivo Ansioso

Gráfico 2 – Questionário SRQ – Sintomas Somáticos

Gráfico 3 – Questionário SRQ – Decréscimo de Energia Vital

Gráfico 4 – Questionário SRQ – Pensamentos Depressivos

TABELA 1 – Licenças para Tratamento de Saúde

TABELA 2 – Período de Licenças da SME

LISTAS DE ABREVIATURAS

CBA – Ciclo Básico de Alfabetização

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FMI – Fundo Monetário Internacional

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial de Saúde

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEE – Secretaria Estadual de Educação

SME – Secretaria Municipal de Educação

SRQ – Self-Report Questionnaire

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UnB – Universidade de Brasília

RESUMO

A educação escolar se caracteriza pela dinâmica de relações no interior do complexo de produção e reprodução social, sendo um importante mecanismo de sua objetivação, o que, dada a sua atual concreticidade, situa-se sob a lógica do capitalismo, ou seja, da produção de mercadorias. Tal condição desencadeia um conjunto de características relativas ao trabalho do professor que se expressam, entre muitos possíveis aspectos, por meio do adoecimento, ocasionado pelo estresse na maioria das vezes, e geradoras de diferentes problemas.

Diante dessas questões e, entre os principais aspectos que motivaram este trabalho, tivemos como objetivo verificar se os professores da educação básica do municipal de Alto de Paraíso de Goiás estão realmente adoecendo, identificando distúrbios, relações com o adoecimento e alguns pontos agravantes. Nesta perspectiva buscamos compreender as características do trabalho do professor, o capitalismo, a síndrome de Burnout entre outros aspectos relevantes seguindo os pensamentos de autores como: Lukacs, Marx, Codo, Gomes, Cação, entre outros.

A fim de alcançar os objetivos deste trabalho foi realizada além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa documental e um questionário de auto avaliação. Concluímos ao final que os professores da educação básica são os funcionários do município que mais solicitam licenças para tratar da saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Saúde, Professor da Educação Básica.

SUMÁRIO

Apresentação.....	14
1ª Parte memorial	
Memorial Educativo.....	15
2ª Parte monografia	
Capítulo I: Introdução	23
Capítulo II: Referencial Teórico	25
2.1. Trabalho	25
2.2. Função da Escola e dos Professores	29
2.3. Professores, condições de trabalho e saúde	32
2.4. A Síndrome de Burnout	37
Capítulo III: Metodologia	40
3.1. Pesquisa Bibliográfica	40
3.2. Pesquisa Documental	40
3.3. Self-Report Questionnaire	41
Capítulo IV: Análise de Dados	42
Capítulo V: Considerações Finais	48
Referências	50
Anexos	53
3ª Parte Perspectivas Profissionais	
Minhas Perspectivas Profissionais.....	54

Apresentação

Este trabalho é composto por três partes que integram o trabalho de conclusão de curso. São elas: Memorial de Formação, Monografia e Perspectivas Profissionais.

No Memorial de Formação estão registradas as etapas mais marcantes da vida compreendendo minha jornada escolar.

A Monografia traz uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo realizada nos meses de novembro de 2012 a fevereiro de 2013.

Nas Perspectivas profissionais estão registradas as prováveis ações futuras que por mim serão realizadas ao término da graduação.

1ª parte: Memorial Educativo

MEMORIAL EDUCATIVO

"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra". (Anísio Teixeira)

Eu, Shirley Alves Ferreira, nasci em 29 de agosto de 1990 em Arraias, cidade histórica do interior do Tocantins, onde meus pais se conheceram, mas, eles já moravam em Alto Paraíso de Goiás desde 1983. Sou filha de Erotides Alves Ferreira, ex-funcionário Público Estadual e de Norbenildes Ferreira Alves funcionária pública municipal. Sou a caçula de um total de três filhos. Tenho como exemplo de vida a minha família, que, apesar da origem humilde e de não desfrutar das melhores condições de vida, deu-me a base necessária para crescer e enfrentar os desafios da vida colocando os estudos como maior prioridade.

Aos 5 anos de idade iniciei a minha vida escolar. Não encontrei dificuldades de adaptação, pois a minha mãe trabalhava na escola em que fui alfabetizada. Nessa época existia na escola o Ciclo Básico de Alfabetização - CBA 1 e 2, mas era uma versão do Jardim I e II, quando conclui a primeira parte do CBA a modalidade foi finalizada, então passei então para o 1º ano (antiga 1ª série) com 6 anos de idade. Foi uma experiência tranquila, gostosa e bem proveitosa. Minha mãe sempre nos incentivou com relação aos estudos e devido a esse fato desde pequena tratei os meus estudos com seriedade. Como toda criança nos seus primeiros anos escolares considerava a escola o melhor lugar do mundo apesar de ser muito tímida e quieta. Ou seja, quando as crianças chegam à escola, elas chegam cheias de curiosidade, explorando todo o ambiente e encantada com o novo local de convivência. Comigo não foi diferente. Cada série era uma nova experiência e muito prazerosa. A minha educação infantil foi na Escola Municipal Casa da Vovó e o ensino fundamental de primeira fase foi na Escola Municipal Zeca de Faria, a segunda fase do Ensino Fundamental foi no Colégio Estadual Dr. Gerson de Faria Pereira.

Durante a educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental não encontrei dificuldades nos conteúdos tão pouco nas atividades propostas, sempre fui muito tímida e não gostava muito das aulas participativas ou trabalhos. A forma de avaliação que me sentia mais a vontade era a prova escrita, pois não necessitava de reflexão, era notável o que hoje conheço por educação bancária de Paulo Freire, o Professor “transmite o conteúdo” e em seguida solicita que depositemos nas provas.

Minha educação não foi centrada na educação escolar, a educação familiar apresentou forte influência e como cresci numa cidade de interior brinquei muito. As brincadeiras de rua eram as que mais gostava, enfim o lúdico sempre foi muito presente, mas na escola, as brincadeiras eram uma prática reservada para a hora do recreio. Apesar de muito tímida sempre tive autonomia com relação aos meus estudos, desde pequena não gostava de estudar sozinha, e como meus pais não tinham tempo, então não pude contar muito com eles para ajudar a realizar as minhas atividades escolares.

Na passagem para a 5ª série com 10 anos, criei uma grande expectativa. No início tive medo de ser muito difícil e não consegui acompanhar, mas logo percebi que não apresentava muita diferença. Desta maneira a minha transição para a 5ª série também foi bem tranquila, não encontrei dificuldades nos conteúdos e tão pouco na maneira de como eles eram apresentados. Em 2001, já na 6ª série percebi que os conteúdos ficaram mais complexos e exigiam mais dedicação. Foi aí que encontrei algumas dificuldades em matemática, me tornei uma aluna mediana e mais uma vez concluí o ano letivo sem precisar de reforços ou recuperação. As outras séries do ensino fundamental foi um momento de acomodação o meu rendimento escolar não caiu, mas também não procurei me dedicar.

Nesta mesma época os meus laços de amizade começaram a se firmar e o vínculo com a escola só aumentava. A 8ª série foi marcante por que foi o último ano que a minha turma estaria reunida, pois no ano seguinte muitos mudariam de escola. Foi uma experiência dolorosa porque a minha turma era muito unida e estávamos juntos há 4 anos. Foi um ano de despedidas e apesar de doloroso foi muito especial.

No ano seguinte 2004 como alguns dos meus colegas, mudamos de Colégio, pois, o Colégio Gerson não oferecia a modalidade de Ensino Médio. No começo não

queria sair do meu antigo colégio, pois, tudo parecia ser diferente, as pessoas eram diferentes, e a escola apresentava uma exigência muito grande com relação às outras escolas, enfim, cheguei cheia de preconceitos acerca de tudo e de todos. Já no primeiro dia de aula encontrei pessoas que já conhecia e com isso fiquei mais sossegada. No primeiro ano foi o período de adaptação gostei muito dos colegas e dos funcionários da escola, o nível de ensino era mais difícil, mas minha única dificuldade era com relação à matemática. Foi um ano marcante, além da mudança de colégio, estabeleci vínculos que tenho até hoje, e reencontrei vários amigos.

Os anos foram passando e mais uma vez me deparei com mudanças profundas principalmente na escola. Estava no 3º ano e começaram as preocupações com vestibulares e que profissão deveria seguir. Neste ano eu fiz o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Mas além de provas e exames, o que mais marcou o 3º ano foi o clima de despedida, pois como morávamos numa cidade de interior, o costume é, com o término do ensino médio, se deslocar para outras cidades com o intuito de cursar o ensino superior. E não foi diferente, assim que concluímos o ensino médio no ano de 2006 as mudanças começaram.

Em agosto de 2007 surge em Alto Paraíso a modalidade EAD, modalidade que era desconhecida pela maioria da população. As opções de curso eram Letras e Pedagogia, nenhum se encaixava em meus sonhos, mas, por falta de recursos e opções, optei por prestar vestibular para o curso de pedagogia por sentir que teria mais afinidade do que o curso de letras. Não tive muitas perspectivas positivas, pois, a concorrência era muito grande e em Alto Paraíso não dispomos de cursinhos preparatórios. Com a graça de Deus consegui ser aprovada e então iniciou ali mais uma etapa da minha vida, a Universidade!

Depois de registro de vaga e matrícula, começaram-se as aulas. A primeira etapa era conhecer o ambiente Moodle, para minha sorte sempre tive muita facilidade em lidar com o computador, ao contrário de alguns colegas. Essa parte foi fácil, o complicado mesmo era ter que estudar sozinha, não conseguia me concentrar, tudo me chamava à atenção. No primeiro ano de universitária, tinha que ir ao polo todos os dias, pois, não tinha computador em casa e meus pais não tinham como comprar. No segundo ano de vida universitária, um dos meus irmãos e

minha mãe comprou um computador parcelado em muitas vezes, isso facilitou muito minha vida acadêmica.

O primeiro período do curso começou ainda em 2007 e com muitos altos e baixos, muitos colegas desistiram, e muitos pensaram em desistir, com muita luta e dificuldades ainda conseguimos representar a primeira turma do Curso de Pedagogia na modalidade EAD de Alto Paraíso de Goiás, o que é um grande orgulho.

Tudo ia muito bem até a primeira reprovação o que causou muitos transtornos devido o aumento no numero de disciplinas que precisaria cursar. Ou seja, já tinha muitas dificuldades com cinco disciplinas e agora com sete, o que seria de mim? Foi muito difícil, algumas disciplinas eram gostosas de estudar, outras eram praticamente uma tortura, mas na vida nem tudo são flores, então continuei lutando.

Em 2010 fiquei noiva e ai que os problemas realmente começaram, não conseguia pensar em outra coisa a não ser no casamento. Minha mãe ficou furiosa e disse que só permitira o casamento após o termino da faculdade, mas isso não deu muito certo. Por mais que eu tentava, não conseguia pensar em outra coisa, somente no vestido, na igreja, os convidados e etc. que loucura. Hoje, penso que se tivesse dado ouvidos minha mãe tudo teria sido mais fácil. Não me arrependo de nada, mas, aprendi que mãe é a melhor coisa que Deus poderia ter criado. Amo muito minha mãe! Acabei trancando em 2010 e em 22 de janeiro de 2011 me casei, e retomei os estudos.

Fiquei encantada com a disciplina de Educação a Distancia, com ela pude aprofundar meus conhecimentos a respeito do próprio curso que estava fazendo a UAB/UnB, foi muito interessante e gratificante também. Juntamente com a disciplina citada, cursei a reoferta de Educação Matemática I, ai sim foi sofrimento, nossa, matemática é uma tortura na minha vida e conversei muito sobre isso com a tutora a distancia a Paula Medeiros, que, aliás, é uma excelente professora, com ela pude esclarecer meus medos e traumas em relação à matemática e hoje consigo lidar melhor com ela.

Também gostei muito de Políticas Publicas da Educação, todo professor deve conhecer bem as políticas que norteiam a educação, assim, poderemos saber de quem cobrar, o que cobrar e como funcionam as autarquias da educação.

Não basta apenas educar, é preciso aprender a empregar convenientemente os conhecimentos adquiridos. A reestruturação produtiva, afirma o discurso, exige que se desenvolvam capacidades de comunicação, de raciocínio lógico formal, de criatividade, de articulação de conhecimentos múltiplos e diferenciados de modo a capacitar o educando a enfrentar sempre novos e desafiantes problemas. Mais ainda, diante da velocidade das mudanças, as requalificações tornam-se imperativas. (SHIROMA et al, 2002, p.12).

Na verdade cada disciplina deixa uma marca em nós, os conteúdos, os autores, como Vygotsky, Skinner, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Rousseau, Marx, Dewey, Foucault, Bourdieu, Freud, Saviani, Piaget, Kant, Durkheim, Althusser, Lévi-Strauss, Freinet. Entre outros, sempre deixam grandes ensinamentos e sempre serão lembrados.

Com tudo a parte do curso que considerei mais difícil foi o estágio pelo fato de não dispor de tempo, pois, na primeira fase do estágio a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental funcionavam das 07:00h às 11:00h e das 13:00h às 17:00h horário em que me encontrava no trabalho. Por outro lado o estágio foi o momento em que mais aprendi, por poder vivenciar verdadeiramente o funcionamento de uma unidade escolar.

Na primeira fase do estágio, estagiei na área de Gestão Educacional no Centro Municipal de Educação Infantil – Criança Cidadã com o auxílio da Diretora Domingas Aparecida Cardoso e Iolanda Oliveira Duarte, pessoas maravilhosas com as quais aprendi muito. Juntamente com elas desenvolvemos um projeto que visava contar com a presença dos pais na rotina da escola, principalmente porque os alunos atendidos eram de creche e educação infantil. Nosso projeto teve um bom resultado mais infelizmente esse ano a diretora teve que se ausentar da unidade escolar devido problemas de saúde e não pode dar continuidade ao projeto.

Na segunda fase do Projeto quatro, optei por fazer o estágio no Ensino Fundamental, um 4º ano, onde desenvolvi um projeto na área de Meio Ambiente, A PRESERVAÇÃO DA ÁGUA, no entanto o objetivo desse projeto além de conscientizar as crianças era auxiliar na questão da interpretação de texto, que a turma tinha certa dificuldade. Então utilizei o tema “A preservação da água”, para desenvolver atividades interdisciplinares de português, matemática, geografia, artes,

com o intuito de realizar um reforço de forma mais leve. Aproveitamos para construir com os alunos uma maquete sobre a água.

Apesar de ser a fase mais complicada e exaustiva, com certeza o estágio tem um peso muito grande, pois, é o momento em que vivemos a realidade, a prática dos conhecimentos adquiridos durante esses cinco longos anos.

Durante o curso vivi momentos bons e ruins, com ganhos e também perdas, imponentes aprendizados, uma perspectiva de futuro, batalhas vencidas e, batalhas que ainda irão começar, fiz grandes amizades, conheci muitas pessoas legais e que assim como eu, olharão para trás, lá em 2007, em vão dizer, tudo valeu a pena.

“Com efeito, grandes coisas fez o Senhor por nós, por isso estamos alegres”.

Salmo 126:3

2ª parte: Trabalho Monográfico

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1- INTRODUÇÃO

Este estudo procurou compreender a saúde dos professores da rede municipal de Alto Paraíso de Goiás. Para tal, foram realizados estudos sobre: as políticas educacionais; sobre o conceito de saúde; sobre as questões de adoecimentos relacionados aos transtornos psíquicos menores, como a síndrome de Burnout. Além disto, realizamos uma pesquisa quantitativa entre os professores de diferentes escolas da rede municipal de ensino do município de Alto Paraíso de Goiás - GO.

O desencadeamento de novas formas de trabalho nas instituições escolares coloca em questão o objetivo do trabalho do professor: o saber e a formação humana. Tal condição desencadeia um conjunto de características relativas ao trabalho do professor que se expressam, entre muitos possíveis aspectos, por meio do adoecimento, ocasionado pelo estresse na maioria das vezes, gerando diferentes problemas, talvez, identificados como Transtornos Psíquicos Menores, ou seja, distúrbios mentais comuns como a depressão, a ansiedade, entre outros.

Ao longo dos anos venho observando que vários profissionais da educação, entre eles, meus antigos professores, vem passando por problemas relacionados à saúde, alguns casos aparentemente simples e outros, graves em que o afastamento se faz necessário.

Como futura pedagoga e colega de meus antigos professores, causa estranheza tantos bons profissionais, apaixonados pela profissão, passarem por tamanho desconforto. Este questionamento trouxe a inquietação, que levou a escolher a Saúde do Professor como tema de pesquisa, e mais detidamente, o seguinte problema:

Estão os professores realmente adoecendo? Quais os principais fatores que levam ao adoecimento? Em que medida a perda de autonomia no trabalho está relacionado ao adoecimento?

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar se realmente os professores estão adoecendo e os objetivos específicos são: identificar alguns distúrbios; identificar relações com o adoecimento e identificar pontos agravantes.

No capítulo II que traz todo referencial teórico, encontramos informações sobre o capitalismo, o trabalho, algumas transformações que caracterizam um novo modo de organizar o trabalho. Tratamos também sobre as funções da escola e as atividades que os professores devem desenvolver; as condições de trabalho que são oferecidas e, pontos que afetam a saúde dos docentes. Encontramos ainda algumas informações sobre a Síndrome de Burnout que também é conhecida como a síndrome do esgotamento profissional.

O capítulo III apresenta as duas linhas de pesquisa que foram utilizadas neste trabalho, contendo informações bibliográficas, documentais e questionário SRQ – Self-Report Questionnaire.

O capítulo IV traz a análise geral dos dados coletados durante a pesquisa e apresenta os gráficos com os dados do SRQ.

No capítulo V estão as considerações finais, onde verificamos se os objetivos da pesquisa foram atingidos e os resultados alcançados.

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - TRABALHO: Características e problemas no capitalismo:

A consolidação do Capitalismo como um sistema econômico baseado na propriedade privada (mais-valia) e nas leis de mercado, evidência o trabalho como uma atividade voltada para a satisfação dos desejos privados de acumulação de capital. Comprar/ consumir passa a ser um dos principais fatores identificadores de prestígio e ascensão social perante aos outros na sociedade. No entanto, a lógica que sustenta este sistema é a de concentração de capital na mão de poucos, tendo em vista a exploração do trabalho humano. Como consequência, o trabalho perde seu significado para o homem, tornando-se estranho a ele.

Recuperando as bases para a compreensão deste processo recorreremos a Lukács (1981) para quem, a partir da concepção de Marx, o trabalho é a forma originária do agir Humano, pois é o trabalho que faz do homem um ser social. O trabalho é a expressão do fato de que o homem precisa satisfazer as suas necessidades, tanto biológicas como, cada vez mais, sociais.

Durante a sua existência o sujeito se relaciona com a realidade objetiva, ou seja, com a realidade concreta, a natureza social. Nesta relação estão presentes condições objetivas diversas, muitas vezes inesperadas pelo homem-causalidade-, tais como condições climáticas, intervenções de outros homens, fome, sede, entre outros fatores, o que o autor denomina causalidade.

Com isto, para se apropriar destas condições e satisfazer suas necessidades, o homem se relaciona com a realidade objetiva de modo a captar e antecipar em sua consciência suas ações e as consequências destas ações (Previa – Ideação).

As ações do indivíduo no intuito de tentar satisfazer suas necessidades é chamada por Lukács de teleologia (fim almejado). Portanto, a relação entre a Teleologia e as causalidades é a essência do trabalho. Quando o indivíduo consegue capturar a realidade em que vive, consegue pensar em maneiras para transformá-la, e, por fim, consegue agir conscientemente em busca do fim já idealizado, havendo, portanto, uma objetivação da ação subjetiva. Assim, temos que o trabalho é:

[...] por sua essência uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (utensílios, matéria-prima, objeto do trabalho, etc.) como orgânica, inter-relação que [...] antes de tudo assinala a passagem, no homem que trabalha do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 1981, p. 14).

Na relação entre Sujeito e Objeto a captura da realidade pela consciência e o ato de transformar a realidade- Objetivação- torna evidente o fato de que o homem consegue agir conscientemente em busca do fim já idealizado, ou seja, ele realiza o trabalho e realiza a si mesmo. Neste processo está localizado o conhecimento. O sujeito consegue acumular informações, aprender, se apropriar da realidade e posteriormente transmitir para as outras gerações, ou seja, ele faz a história.

Ao pensarmos no Capitalismo, o homem não consegue compreender as relações presentes na realidade em que vive, visto que ela está fragmentada devido à propriedade privada e à divisão do trabalho. Ou seja, no capitalismo a realização do homem é a sua desrealização, sendo que o trabalhador nem ao menos conhece as condições postas na realidade e o produto do seu trabalho é estranho a ele.

Portanto, a sua manifestação de vida é a sua alienação negativa/estranhamento. Segundo Marx (1844) o trabalho alienado/estranhado se constitui por: Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realiza em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido.

O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato, de logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado trabalha em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação.

Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas, trabalho para outrem, pois, no trabalho ele não pertencer a si mesmo, mas, sim a outra pessoa. (MARX, s/d. p.162). Portanto,

no capitalismo está presente a alienação do produto do trabalho, do processo para a produção do objeto, do próprio indivíduo como gênero humano e de sua relação com os outros. O trabalho passa a ser visto apenas como meio para satisfazer a necessidade de manter sua existência física.

O indivíduo fica preso na dualidade de só poder se manter como sujeito físico na medida em que é um trabalhador, e de ele só como sujeito físico pode ser um trabalhador.

A atividade vital consciente distingue o homem da atividade vital dos animais: só por esta razão ele é um ente-espécie. Ou antes, é apenas um ser autoconsciente, isto é, sua própria vida é um objeto para ele, porque ele é um ente-espécie. Só por isso, a sua atividade é atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, pois o homem, sendo um ser autoconsciente, faz de sua atividade vital, de seu ser, unicamente um meio para sua existência. (MARX, s/d, p.195).

Nas últimas décadas, frente às crises próprias ao sistema capitalista, as transformações na forma de trabalho irão caracterizar um novo modo de organizar o trabalho, a produção e a forma política de gerenciar as relações sociais. Estas transformações se caracterizam por transformações econômicas e sociais ocorridas a partir dos anos 70, associadas ao acirramento da concorrência mundial no mundo capitalista e ao emprego de novas tecnologias, configurando o que se convencionou chamar de Terceira Revolução Industrial, contribuindo para afirmar e moldar um novo processo de acumulação de tipo flexível.

A acumulação flexível caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Envolve, também, rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado "setor de serviços", bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. (HARVEY, 1995, p.140 apud ABRAMIDES e CABRAL, 2003, S/P).

Assim, a economia e a política passam a ser regidas por instituições como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial, que defendem e impõem

aos países um novo modelo de Estado caracterizado pela descentralização, com menor papel de intervenção nas disputas entre capital e trabalho, o que afeta os serviços públicos (Educação, saúde, etc.) Nesse quadro, os indivíduos passam a ter que trabalhar mais e a aceitar condições de trabalho desumanas, pois o medo do desemprego passou a ser muito forte e constante na vida dos trabalhadores inseridos no sistema Capitalista de trabalho. A intensidade e o ritmo acelerado no trabalho e o número excessivo de horas na jornada são decisivos na precarização da saúde do trabalhador, podendo eliminá-lo, precocemente, do mercado. Nas condições de trabalho estão incluídas as atividades corporais e mentais dos trabalhadores, bem como os elementos materiais, físico-químicos, ambientais, temporais e também as relações de trabalho. (ABRAMIDES e CABRAL, 2003, s/p).

Para que a Ideologia capitalista se perpetue e para a superação das crises do próprio sistema, além de diminuir o papel do Estado e de reduzir os custos, a escola passa a ter uma das funções mais importantes: a de formar o novo homem para a nova sociedade, caracterizada como uma sociedade de consumo.

Frente a esse quadro, a escola passa a ter função essencial na construção do novo homem e conseqüentemente da nova sociedade, baseada nas leis de consumo. Porém, para atender as exigências capitalistas neoliberais impostas, (...) a escola pouco a pouco está sendo convertida em um mercado, onde a educação acaba sendo reduzida a um bem de consumo (GOMES, 2002, p. 21).

Além disso, para que os ideais do neoliberalismo sejam difundidos as instituições tais como Banco Mundial, UNESCO, FMI defendem a diminuição do Estado na sociedade, o que, no âmbito da educação significa um processo de descentralização, argumentando uma suposta autonomia para as unidades escolares, aumentando as responsabilidades para os gestores escolares o que pode acarretar a priorização das atividades administrativas em detrimento das pedagógicas.

[...] a educação deve ser pensada como um bem submetido às regras diferenciais da competição [...] Reduzida a sua condição de mercadoria, a educação só deve ser protegida não por supostos direitos “sociais”, mas pelos direitos que asseguram o uso e a disposição da propriedade privada por parte de seus legítimos proprietários. É nesse marco que se reconceitua a noção de

cidadania, mediante uma revalorização da ação do indivíduo enquanto proprietário que eleger, opta, compete para ter acesso a (comprar) um conjunto de propriedades-mercadorias de diferentes tipos, sendo a educação uma delas. (GENTILI, 2001, p. 19, apud ROCHA e FAGUIN, s/p).

Essas mudanças na sociedade, especialmente no campo educacional, afetam a escola e, diretamente, o trabalho dos docentes, pois estes passam a viver constantemente na dualidade de serem responsáveis pela reprodução de uma cultura dominante individualista e também por personificarem as esperanças de mobilidade social de diferentes camadas populares.

Teoricamente a escola tem o papel de formar indivíduos para serem seres humanos autônomos, críticos e capazes de atuar na sociedade para torná-la melhor para, desta maneira, também melhorar sua qualidade de vida. No entanto, as mudanças no contexto social e econômico alteraram significativamente o papel do professor e as exigências pessoais e do meio em relação à eficácia de sua atividade.

2.2 - Função da Escola e dos Professores.

A função de professor, desde a idade média vai se transformando, se moldando, de acordo com as necessidades da sociedade, do que cada povo queria ensinar de sua cultura, ritos, crenças, etc. Somente no século XV realmente se estabelece uma estrutura organizacional devido ao grande aumento da sociedade urbana e os movimentos sociais. A escola moderna nasceu no seio do movimento social e de suas interações culturais, com o objetivo de tornar a cargo a educação das crianças, da qual a escola, que existia já na Idade Média, não se ocupava oficialmente. Não é senão a partir do século XV que ela vai pouco a pouco se transformar e ser utilizada para a educação das crianças, no sentido em que entendemos hoje. (NÓVOA, 1991, p. 111).

Até o século XVIII a escola era administrada pela igreja, porém as transformações histórico-sociais e o desenvolvimento do capitalismo e os ideais burgueses levaram a um controle cada vez maior pelo Estado na condução social transformando a escola em responsabilidade do estado. Sua administração, manutenção e caracterização tinham que se adaptarem aos interesses governamentais, atendendo as necessidades econômicas e sociais. Com isso, o

ensino baseado nas ordens religiosas se tornou laico, possuindo um caráter persuasivo e preventivo, uma ideologia calcada na propriedade privada e nas leis de mercado.

Com as transformações ocorridas ao longo da história do capitalismo a escola se transforma no que, nas últimas décadas do século XX, significa a disseminação e imposição da política mercantil aos governos nacionais e à educação. Segundo a lógica capitalista e a modernização tecnológica, a qualidade de ensino passou a ser avaliada pelos seus altos índices de produtividade.

Para isto foi necessário o enxugamento dos profissionais e o corte nos gastos, o que significou o aumento do número de alunos por sala de aula e conseqüentemente aumento do trabalho e de responsabilidade para o professor, levando a uma crescente deterioração da qualidade de trabalho e da qualidade de vida dos mesmos. Estes profissionais passaram a ter função de proporcionar um ensino de qualidade dentro de um sistema que os obriga a trabalhar mais, porém, com péssimos salários e em um ambiente muitas vezes precário e com recursos didáticos escassos.

CAÇÃO (2001, p.160) ao analisar a carga de trabalho e jornada de trabalho docente conclui que ao longo do processo de Techno burocratização por que passou o sistema de ensino, no bojo do processo maior de industrialização, urbanização e constituição do Estado intervencionista, no Brasil, acoplado ao desenvolvimento do capitalismo monopolista, o professor, de profissional, portador de certa autonomia didático-pedagógica, exercendo controle sobre a concepção e execução do seu trabalho, através de uma profissão merecedora de reconhecimento e prestígio social, foi-se tornando um assalariado mais barato, ou seja, sua força de trabalho passa a ser vendida por menor preço.

O professor passa a ser um funcionário assalariado, de acordo com a racionalidade capitalista, o que significa vender sua força de trabalho (conhecimento) sem receber o devido reconhecimento que sua profissão exige. Além disso, sua autonomia em relação ao seu trabalho é dissolvida devido à fragmentação do seu processo de trabalho.

Portanto, os professores têm certa identificação com o processo de proletarização e, ao mesmo tempo, não se identificam como proletariados, pois

apesar de estarem submetidos ao processo de assalariamento ainda mantém certo domínio sobre o processo de trabalho (ensino) e o produto (o saber apropriado pelos alunos). Dito de outro modo ainda consegue manter certo controle sobre seu trabalho e não estão completamente alienados em relação aos meios, aos objetivos e ao processo de trabalho.

Porém, pouco a pouco, os professores vêm perdendo a condição de desenvolver suas atividades de modo autônomo, tendo em vista, entre tantos aspectos: a crescente utilização de livros didáticos que devem ser usados; o crescente uso de tecnologia com base na informática; as definições presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's-, tendo nas competências voltadas para o mercado de trabalho o cerne da formação.

A crescente rotina de preenchimento de formulários e tarefas administrativas, e os processos de Avaliação, a opinião pública, exigindo do professor eficiência no atendimento de alunos especiais, pelo processo de inclusão, que não dá ao professor ferramentas e materiais para enfrentar a nova ordem das novas “conquistas da área de educação”.

O enfrentamento de problemas como a falta de capacitações adequadas aos desafios recebidos em sala de aula, principalmente na rede pública de um município pequeno, distante das oportunidades de fazer uma especialização ou capacitação que o ajude a ter um bom resultado em sala de aula, geralmente com mais de 30 alunos e mais os chamados especiais, que passam a ser desafios grandes sobre o como e o que ensinar. Estas condições coloca em perigo a realização plena do trabalho docente, objetivado na aquisição do conhecimento científico.

A SEE – Secretaria Estadual de Educação – distante 400 km, do município, coordena a distribuição de materiais didáticos e de divulgação pedagógica que sejam fundamentais para o sucesso dos processos de aprendizagem ou que contribuam para explicar aos educadores aspectos que são vitais ao seu trabalho, como é o caso, por exemplo, de o que ensinar, para que ensinar, como ensinar e como avaliar. As condições de trabalho que envolve perda de autonomia e com aumento das atividades de trabalho são promotoras de grande desgaste físico, mental e psicológico, as quais têm reflexos negativos sobre os professores, que se

sentem cansados com tantas atividades, e com o fato de perderem parte da autonomia de trabalho e, ao mesmo tempo, seu valor social.

2.3 - Professores, condições de trabalho e saúde.

Todas as mudanças no plano da economia que fizeram com que a educação mudasse suas bases e que conseqüentemente mudaram as características do trabalho dos professores provocam o que Esteves (1999 MARTINEZ et al, 1997 apud GOMES, 2002, pg. 34) denomina mal-estar docente, que é o conjunto de efeitos negativos que as pressões que se encontram sobre a docência, podem causar nos professores. Seligmann - Silva (1994, s/p)) identifica a existência de um campo de estudo interdisciplinar voltado para a análise das conexões entre saúde mental e trabalho, sendo elas:

1. Desgaste orgânico da mente;
2. Variações do "mal-estar";
3. Desgastes relacionados à identidade do trabalhador, ao que espera do trabalho.

Portanto, essa questão nos leva a pensar o conceito de saúde, que é de acordo com a Constituição da Organização Mundial da Saúde: “um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença”. Porém, a saúde pode ser também entendida como a possibilidade que os seres humanos possuem para enfrentar situações novas. O que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instruir normas novas em situações novas. (CANGUILHEM, 200, p. 158 apud. GOMES, 2002, pg. 17).

Para cuidar da saúde do trabalhador, no século XIX na Inglaterra, surge a medicina do trabalho, que se caracteriza por uma prática exclusivamente médica, e que se propõe a cuidar da adequação física e mental do trabalhador ao cargo o qual ele ocupa. Ou seja, busca a adequação do trabalhador ao trabalho.

Quando a Organização Mundial da Saúde – OMS¹ foi criada, pouco após o fim da Segunda Guerra Mundial, havia uma preocupação em traçar uma definição positiva de saúde, que incluiria fatores como alimentação, atividade física, acesso ao

sistema de saúde etc. O "bem-estar social" da definição veio de uma preocupação com a devastação causada pela guerra, assim como de um otimismo em relação à paz mundial — a Guerra Fria ainda não tinha começado. A OMS foi ainda à primeira organização internacional de saúde a considerar-se responsável pela saúde mental, e não apenas pela saúde do corpo. Isto aconteceu porque no início do século XIX, no período da Revolução Industrial, a fábrica passou a ser o lócus das relações produtivas.

A medicina, por sua vez, além de cuidar da saúde da população, passou também a intervir no ambiente de trabalho, para cuidar da saúde dos trabalhadores, para que o adoecimento dos trabalhadores não atrapalhasse a produção e os interesses do capital. Porém, a medicina do trabalho, com seu caráter de controle da força de trabalho, não era suficiente para intervir sobre os problemas de saúde causados pelos processos de produção, como por exemplo: as mortes causadas por acidentes de trabalho e as doenças adquiridas no trabalho.

A ineficiência desse tipo de medicina começou a ser sentida tanto pelos empregadores, que perdiam muita mão-de-obra e deixavam de produzir o esperado,¹ como também pelas companhias de seguros, obrigadas a pagar muitas indenizações por incapacidade de trabalho.

Para superar essas falhas, toma corpo uma nova subárea da medicina, a saúde ocupacional a qual amplia a visão médica sobre os trabalhadores passando a se preocupar também com o ambiente de trabalho, além de criar os conceitos de risco e de limites de tolerância.

Porém, a saúde ocupacional não atingiu seus objetivos, pois apesar de propor novas técnicas para cuidar da saúde do trabalhador manteve as características básicas da medicina do trabalho (previdenciário-acidentária). Ou seja, a preocupação para com a saúde do trabalhador somente acontecia quando ele já havia adoecido ou quando já havia morrido.

¹ A Organização Mundial da Saúde – OMS, foi criada, pouco após o fim da Segunda Guerra Mundial, havia uma preocupação em traçar uma definição positiva de saúde, que incluiria fatores como alimentação, atividade física, acesso ao sistema de saúde etc. A OMS foi ainda à primeira organização internacional de saúde a considerar-se responsável pela saúde mental, e não apenas pela saúde do corpo.

Para que realmente aconteça à relação saúde e trabalho na perspectiva de ajudar e de melhorar as condições de trabalho dos indivíduos é importante analisar as vivências, as experiências e os conhecimentos dos trabalhadores sobre o seu dia-a-dia. Através das vivências sociais pessoais e do cotidiano no local de trabalho, que se podem elaborar explicações sobre essa relação. Para entender o adoecer dentro do processo de trabalho, é necessário perceber quem é o trabalhador que adocece e de que forma ele está inserido no processo produtivo.

A intervenção somente no corpo não é suficiente para um diagnóstico que o conceito de Saúde Ocupacional apresenta-se como multidisciplinar, porque envolve profissionais de áreas distintas. Assim, a higiene do trabalho atua sobre o ambiente: a engenharia de segurança do trabalho está direcionada para índices de acidente ou a busca dos agentes patogênicos existentes no local de trabalho, lidando com os conceitos de riscos físicos, químicos, biológicos e mecânicos e indicando as medidas de segurança para cada caso; além disso, há uma medicina do trabalho com enfoque também assistencial (PORTO, 1994 apud SILVA, 2000, p. 38) formule terapêuticas eficazes, diante dos milhares casos de doenças decorrentes de ambientes insalubres e processos de trabalho mal dimensionados.

No caso do professor, sua qualidade de vida revela-se seriamente comprometida diante das condições de trabalho adversas, como por exemplo: exposição ao pó de giz, baixos salários, múltiplas tarefas que lhes vêm sendo atribuídas, condições de trabalho que afetam a autonomia do professor na condição dos processos de ensino aprendizagem, entre outros fatores.

Esta intensificação do trabalho desencadeadora da insatisfação no trabalho reduz a qualidade da educação. Os processos de desgaste físico e mental dos professores representam consequências negativas não somente para os professores, mas também para o aluno e para o sistema de ensino. Os custos sociais e econômicos podem ter múltiplos desfechos: absentismo, acidentes e enfermidades diversas, físicas, comportamentais e psíquicas. (LANDINI, 2006, p.5).

Quando um professor se abstém, se ausenta de seu trabalho, os alunos passam a ter muitos e diferentes educadores. Partindo do princípio de que o professor para conseguir transmitir os conhecimentos de maneira com que os alunos

se interessem e aprendam tenha que partir do cotidiano do aluno e consequentemente conhecerem a realidade em que vivem.

Quando esta relação não é constituída devido à troca constante de educadores, a qualidade de ensino diminui drasticamente. Além disso, de acordo com Oliveira Gonçalves, Melo, Fardin, Mill (2002, p.14)

[...]. diante das inúmeras tarefas impostas às escolas pelos atuais processos descentralizadores os professores se vêem face a uma situação onde não há tempo para se problematizar o que se está sendo produzido e nem a forma como está sendo produzido.

Os professores possuem muitas tarefas para cumprir e muitas não foram nem ao menos elaboradas ou decididas por eles, o que faz com que eles não consigam criar formas novas de ensinar e, mais grave, não possuam tempo para estudar e pensar sobre sua própria prática. É preciso lembrar que os processos de avaliação impostos pelo sistema educacional na atualidade, coordenado pelo INEP/MEC-SAEB, ENEM- promovem uma avaliação imposta de fora para dentro da escola, tornando a avaliação como um fim e não um meio para verificar os processos de ensino-aprendizagem. Seu resultado tende a classificar os alunos e reforçar a cultura de resultados e de certificação.

Tendo em vista que a avaliação é o que dá o ritmo da educação e o que permite fazer a reflexão sobre os processos de ensino, os conhecimentos sobre os alunos e sobre os processos de aprendizagem que oferecem a avaliação deveriam servir de ajuda para o desenvolvimento consciente da prática da aula, permitindo-se repensar as práticas de ensino. Para tanto, a avaliação deveria ser contínua e o conteúdo e o controle externo deveria ser retirado e ser voltado para dentro da escola e o controle deveria ser dado ao professor.

Sem isso, o sistema avaliativo vem como um fator a mais para acentuar a precariedade do trabalho do professor, visto que a avaliação só serve para classificar os alunos e medir a capacidade produtiva (número de alunos aprovados) dos professores. Com isto, os professores se veem obrigados a ensinarem conteúdos exigidos nas avaliações deixando de lado o real aprendizado dos conteúdos baseados no conhecimento científico e o estímulo cognitivo dos alunos.

Gera-se, assim, a perda de autonomia do trabalho dos professores, além do fato de serem as escolas com melhores notas as que acabam tendo privilégios e premiações.

O que se observa, então, é uma repetição de conteúdos para atingir classificação nas avaliações realizada pelo governo federal e não um ensino no qual alunos e professores buscam suas superações, sua autonomia e seu reconhecimento como indivíduos atuantes na sociedade em que vivem. Marchiori, Barros e Oliveira (2005, p.155) em pesquisa com 607 professores da rede pública municipal de Vitória identificam como fatores relacionados ao adoecimento de professores: o descaso das políticas públicas; as condições muito precárias de trabalho; conflito cotidiano entre o que é exigido, o que desejam e o que realmente é possível fazer.

Este estudo revela que as exigências feitas aos professores têm um caráter formal e, na realidade, no cotidiano, as condições para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem não se efetivam. Sendo assim, como os professores não possuem tempo para pensar sua prática e nem para criar novas possibilidades para melhorar o processo de ensino aprendizagem a escola acaba por se tornar desinteressante para os alunos, visto que com a tecnologia atual (televisão, internet, rádio, revistas, jornais) a informação fica muito mais acessível e muitas vezes também mais divertida que a do ensino tradicional que é ministrado na escola.

Por outro lado, os professores também começam a se sentirem frustrados, pois não se sentem realizados com o seu trabalho já que se distanciam cada vez mais do foco de seu trabalho que é ensinar os conteúdos com base nos conhecimentos científicos. Lapo e Bueno (2003) identificaram junto a professores exonerados em São Paulo sobre os motivos que levaram a seus afastamentos: a sobrecarga de trabalho, a falta de apoio dos pais dos alunos; o sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam; a concorrência com outros meios de transmissão de informação e cultura; baixos salários.

Outra questão, muito importante é que para o professor é essencial para a realização do seu trabalho o apoio dos pais e da comunidade na qual a escola em que ele trabalha está inserida. Porém, esse apoio vem diminuindo cada vez mais,

pois assim como os alunos deixam de valorizar o profissional da docência, os pais também deixam, muitas vezes por não conhecerem o planejamento da escola (devido às políticas públicas, elas chegam de fora pra dentro da Instituição escolar e não são discutidas com a comunidade), não veem sentido na instituição escolar em termos de formação efetiva e, então, a escola passa a ser um local distante da realidade dos mesmos cuja função passa a ser unicamente fornecer um diploma.

Ou seja, ela passa a ser vista como uma obrigação e o professor é quem têm que se desdobrar para realizar seu trabalho, com indisciplina e falta respeito por parte dos alunos e dos pais. Em estudo realizado com 163 professores do ensino fundamental de Santa Maria (RS), Naujorks (2002) identifica que o stress e as dificuldades no trabalho referem-se a:

- Falta de projetos de capacitação; elevado número de alunos por turmas;
- Desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos;
- Indisciplina cada vez maior;
- Desvalorização;
- Baixos salários.

Apple (1987, 1989) indica que o professor tem cada vez menos domínio sobre o produto de seu trabalho. O tempo para pensar, planejar, etc., tem sido cada vez menor, marcado pela distinção entre pensar e fazer. A perda de autonomia do professor também se revela no crescimento das exigências administrativas de responsabilidade do professor, impedindo-os de realizar mudanças em seu trabalho, de refletirem sobre suas condições de trabalho. De acordo com Giroux (1992) isto reflete a crescente perda de poder quanto às condições básicas de seu trabalho e, também uma mudança de seu papel na prática escolar.

2.4 – A Síndrome de Burnout

A síndrome de *Burnout* (do inglês to burn out, queimar por completo), também chamada de síndrome do esgotamento profissional, foi assim denominada pelo psicanalista nova-iorquino, Freudenberger, após constatá-la em si mesmo, no início dos anos 1970.

Codo (2002, p.13), afirma que pode também ser definida como “o nome da dor de um profissional enclacrado entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer, entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração”.

Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores supõe domínio de uma série de habilidades pessoais que não podem ser reduzidas ao âmbito da cumulação do conhecimento. (Esteves, 1999, p.38)

Burnout em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sociohistóricos.

Vários autores tem tentado explicar o *burnout* em professores a partir de diversas perspectivas. Woods (1999) aborda o *burnout* do professor partindo de um modelo sociológico e apontando fatores em níveis micro, meso e macro. Fatores micro são os que se situam dentro da biografia pessoal e profissional do professor (comprometimento, valores, carreira e papéis desenvolvidos). Os fatores meso ou intermediários são os institucionais (tipo de escola, aspectos éticos da escola, aspectos culturais do professor e dos alunos) e os macros são todas as forças derivadas das tendências globais e políticas governamentais. Estes níveis em interação desencadeiam o processo de “desprofissionalização” do trabalho do professor. Tal processo implica a proletarianização do trabalho dos profissionais da educação.

Segundo este modelo, à medida que a economia capitalista avança, há uma preocupação em manter e promover a eficiência. Neste movimento há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, existindo uma maior subserviência a um conjunto de burocracia. Também menos tempo para executar o trabalho, menos tempo para a atualização profissional, lazer e convívio social e poucas oportunidades de trabalho criativo. Refere ainda Woods a existência de diversificação de responsabilidades com maior distanciamento entre a execução realizada pelos professores e o planejamento das políticas que norteiam seu trabalho, elaboradas por outras pessoas. Os professores,

de acordo com esta visão, são mais técnicos do que profissionais. Keltchtermans (1999) acredita que este modelo está vinculado à concepção de escola como “empresa”, com critérios de avaliação e controle baseados nos valores de eficiência burocrática e medidas padronizadas de seus resultados.

Lampert (1999) diz que a educação hoje é vista e gerenciada como um negócio rentável. A comunidade, de uma forma geral, nota esta concepção de ensino, desenvolvendo uma percepção negativa em relação à mesma, com conseqüente desprestígio de todos os que dela fazem parte. Lens e Jesus (1999) completam, afirmando que o status da profissão de professor e de outras vem declinando nos últimos anos e isto tem contribuído para o aumento do burnout nesta categoria profissional.

Farber (1999) partilha em muitos aspectos da visão sociológica de Woods (1999) para explicar burnout, mas acredita que a chave do entendimento deste fenômeno está na abordagem psicológica, mais especificamente no sentimento do professor de que seu trabalho é pouco significativo.

Professores como todas as pessoas, precisam sentir-se importantes, amados e de alguma forma especiais. Eles necessitam estas necessidades afirmadas por quem eles vivem e trabalham. (Esteve. 1999, p.165)

CAPITULO III – METODOLOGIA

Para conseguir realizar este projeto e compreender a relação trabalho/saúde/adoecimento das professoras e professores da rede municipal de ensino de Alto Paraíso de Goiás, foi necessária uma pesquisa bibliográfica para compreendermos os conceitos de trabalho, saúde, educação, capitalismo e as políticas públicas que regem o ensino no Brasil, além de um levantamento quantitativo com o objetivo de obter indicativos sobre a situação de saúde/adoecimento dos professores em questão.

Portanto, podemos dividir a pesquisa em dois grandes tópicos:

3.1- Pesquisa Bibliográfica:

A) Leitura de textos sobre a categoria trabalho, particularmente em Marx e Lukács, relativos à fundamentação teórica;

B) Leitura de textos sobre o trabalho do professor e as condições no capitalismo mundializado; Para isso foram utilizados principalmente os trabalhos de LUKACS, G. *Il lavoro*. In: *Per l'íntologia dell essere sociale*; MARX, K. *Terceiro Manuscrito*. IN: *Manuscritos econômico-filosóficos*.

C) Leitura de textos sobre saúde ocupacional e saúde mental, focalizando particularmente os Transtornos Psíquicos Menores. Para isso foram utilizados principalmente os trabalhos de GOMES, L.. *Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites*; ABRAMIDES, M. B. C; CABRAL, M. S. R; *Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador*; SILVA, Clara Teixeira Da. *Saúde do trabalhador: um desafio para qualidade total no Hemorio*.

D) Leitura do livro *Educação: Carinho e Trabalho*. *Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação* de CODO. Wanderley.

3.2- Pesquisa Documental:

A Pesquisa documental foi realizada no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás – GO. Onde teremos acesso ao número de licenças para tratamento de saúde que os servidores da área da

Educação solicitaram no ano de 2012, e faremos uma comparação com os servidores da área de Saúde e também servidores de Obras.

3.3- SRQ – Self-Report Questionnaire

Levantamento, por meio de questionário, do índice de elementos indicativos relacionados aos transtornos psíquicos menores ou doenças psíquicas menores, que se referem aos distúrbios mentais comuns, tais como depressão, ansiedade, distúrbios somatoformes e neurastenia. Estes são identificados por meio do SRQ-Self-Report Questionnaire (ANEXO 1), instrumento constituído de 20 perguntas (SRQ-20) que podem ser respondidas através de autopreenchimento o que permite fazer o rastreamento dos distúrbios psiquiátricos menores. O SRQ é recomendado pela Organização Mundial de Saúde para identificar doenças psíquicas comuns, testado e validado por Harding et. al (1980) e validado no Brasil por Mari & Willians (1986).

CAPITULO IV – ANÁLISE DE DADOS

4.1– A Saúde dos professores

Visando identificar como anda a saúde dos professores da educação básica de Alto Paraíso de Goiás, foi aplicado o SRQ – Self-Report Questionnaire, onde 45 de um total de 60 professores participaram. O intuito desta aplicação é obter a possibilidade de analisar as atuais condições físicas e psicológicas dos professores segundo a visão dos mesmos. O SRQ é dividido em quatro eixos que são:

- 1-Humor Depressivo – Ansioso
- 2-Sintomas Somáticos
- 3-Decréscimo de Energia Vital
- 4-Pensamentos Depressivos

Cada eixo foi analisado de forma individual, e enfatizado o maior índice das questões que compõe o eixo. O resultado final obtido na aplicação do SRQ encontra-se tabulado em Anexo, onde é possível visualizar a porcentagem de cada item.

4.1.1– Eixo 1 - Humor Depressivo Ansioso

O indicativo aponta que a preocupação, tensão e nervosismo, têm afetado 57,1% dos professores. Associado aos sintomas de tensão e nervosismo está o de tristeza, atingindo 40% dos professores.

Gomes 2002 cita que “para atender as exigências capitalistas neoliberais impostas, (...) a escola pouco a pouco está sendo convertida em um mercado, onde a educação acaba sendo reduzida a um bem de consumo”.

Ou seja, além do processo de adaptação necessária para acompanhar o desenvolvimento capitalista, os docentes enfrentam diversas questões que os deixam preocupados e tensos, o que sem sombra de dúvidas afetam o modo pelo qual os mesmo transmitem seus conhecimentos aos alunos.

Percebe-se também no gráfico abaixo que 82,9% dos professores afirmam que têm chorado mais do que de costume. Isso é um indicativo muito preocupante já que a porcentagem é grande, mostrando que os professores estão sofrendo algum tipo de ação que esta afetando o humor e os deixando mais sensíveis.

Gráfico 1



Organização Shirley Ferreira (2013) 1

4.1.2 – Eixo 2 - Sintomas Somáticos

Dos 45 professores pesquisados 34,3%, sofre com dores de cabeça constante e, 42,9% afirmam dormir mal. Esses dois fatores, apesar de considerados comuns entre toda população mundial, causa certa preocupação já que são fatores que causam mal estar e inquietação. Um professor que dorme mal e tem dores de cabeças constantes, durante um determinado período, não conseguirá desenvolver bem qualquer atividade que seja.

Não podemos dizer que esses sintomas, ou quaisquer outros são causados pelo estresse que vem englobado à profissão, mas, a falta de tempo para realizar consultas médicas, com certeza é um fator agravante para essa questão.

Gráfico 2



Organização Shirley Ferreira (2013) 2

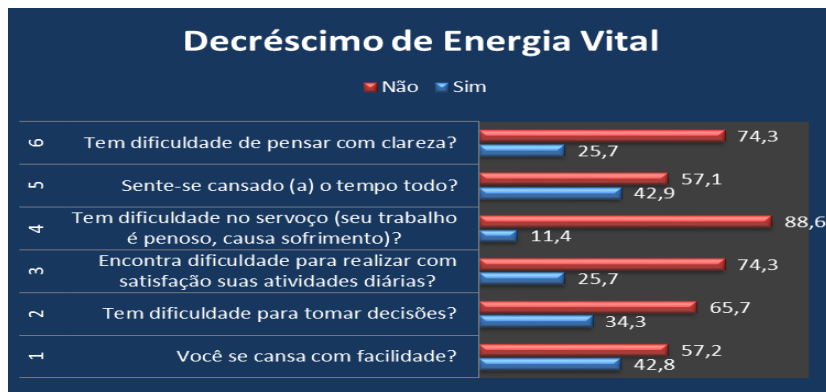
4.1.3 – Eixo 3 - Decréscimo de Energia Vital

A realização no trabalho parece não se efetivar, provocando descontentamento, insatisfação e tristeza. Esse estado de insatisfação, no caso do trabalho do professor, cujo fim consiste em proporcionar aos alunos um maior domínio do conhecimento histórico-científico, podem gerar um complexo de sentimentos, emoções, desencadeando impulsos muitas vezes destrutivos, como acomodação quanto às ações que devem ser desenvolvidas, agressividade e até mesmo adoecimento.

De acordo com a Constituição da Organização Mundial de Saúde o conceito de saúde é: “um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença”, isso nos leva a refletir sobre a saúde dos professores da educação básica de Alto Paraíso de Goiás, onde notamos no gráfico 3 que 42,9% dos docentes sente-se cansados o tempo todo e 42,8% se cansam com facilidade.

Esse sintoma de cansaço afeta o desenvolvimento dos professores, e podemos ligar essa questão ao pensamento de CAÇÃO (2001) que ao analisar a jornada de trabalho dos docentes, conclui que ao longo do processo de tecnoburocratização que passou o sistema de ensino, o professor foi tornando um assalariado, que na realidade capitalista significa vender sua força de trabalho sem receber o devido reconhecimento que a profissão exige. Isso leva os professores a cumprirem até 60 horas de jornada de trabalho para ter uma melhor estabilidade financeira.

Gráfico 3



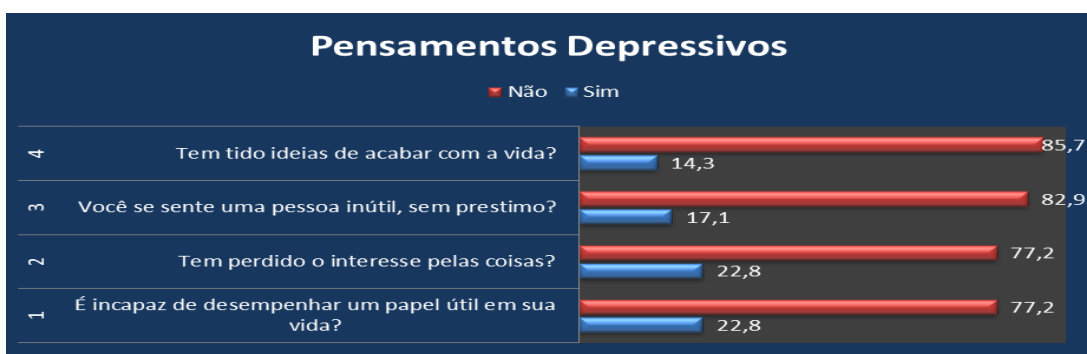
Organização Shirley Ferreira (2013) 3

4.1.4 – Eixo 4 - Pensamentos Depressivos

Observamos no gráfico 4 que 22,8% dos professores estão perdendo o interesse pelas coisas, o que para um professor, é muito ruim, pois, afeta o seu desempenho em sala de aula. Outro dado que nos chama a atenção é que mais de 20% tem se considerado incapaz de realizar um papel útil em sua vida.

Os dados podem ser analisados abaixo é outro índice que me chamou a atenção foi que mais de 20% relataram sobre pensamentos de acabar com suas vidas. Esse dado foi encaminhado para a Secretaria Municipal de Educação, que estará encaminhando um psicólogo para realizar trabalhos com os professores de modo a perceber se esses pensamentos tem alguma ligação com o serviço prestado pelos professores.

Gráfico 4



Organização Shirley Ferreira (2013) 4

Após concluir a pesquisa documental, podemos verificar na tabela abaixo (Tabela 1) que, dos servidores públicos do município de Alto Paraíso de Goiás, os que mais recorrem à licença para tratamento de saúde, são os professores. Comparando a todos servidores da secretária de obras que chegou a 7,1% e, os da saúde com apenas 1,1%, na secretaria de educação, apenas entre professores a porcentagem de licenças para tratamento de saúde chegou a 16,6%. O que para uma cidade pequena, mística e considerada tranquila, é um índice alarmante.

Outro dado preocupante quanto às licenças para tratamento de saúde solicitada pelos professores do referido município pode ser constatado na tabela 2, onde foi analisado o período que compreende as licenças.

Verificamos que a maioria das licenças possui grande duração, o que causa grandes transtornos tanto no âmbito escolar, onde os alunos passam por várias mudanças de professores, quanto para o financeiro do município, que precisa dispor de recursos para custear o período de licença dos servidores, como também custear contratados para suprirem as vagas deixas pelos mesmos, já que o município não dispõe de grande numero de servidores.

Tabela 1

Tabela de Licenças para Tratamento de Saúde

Secretaria	Nº de Funcionário²	Nº de Licenças /2012	%
Educação	60	10	16,6%
Obras	42	03	7,1%
Saúde	98	01	1,1%

² Os servidores da educação numerados na tabela acima correspondem apenas a professores. As demais secretarias correspondem a todos os servidores.

Tabela 2

Tabela de Período de Licenças da Secretaria de Educação

Período	Quantidade
Licença de 1 mês	00
Licença de 1 a 6 mês	03
Licença de 6 mês a 1 ano	01
Licença de mais de 1 ano	06

CAPITULO V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada pode-se inferir que existe uma tendência que aponta em termos de desmotivação, insatisfação e desrealização por meio do trabalho. Acreditamos que este quadro se deve em grande parte às políticas educacionais atuais que levam à precarização cada vez mais acentuada da profissão de professor, interferindo em sua autonomia enquanto agente social e profissional e, ainda, privando os professores de sua principal atividade: a de ensinar os conhecimentos históricos científicos e tornas os alunos agentes transformadores.

Os professores não se sentem motivados para criar atividades, para desenvolver todo seu potencial o que faz com que eles não se sintam realizados com a profissão e com a questão pessoal.

[...] é necessário transformar a aprendizagem num ato amoroso. O ato amoroso acolhe ações, alegrias e dores como elas são e isso tem poder transformador. O acolhimento pode provocar mudança voluntária de atitudes; o acolhimento é inclusivo. (Lucáks³)

A realização está relacionada com o alcance de metas traçadas, da possibilidade de transformação, de possibilidades de criar condições para que o outro tenha condições de vida mais favoráveis. A falta dessas condições leva os professores ao stress e ao adoecimento. Porém, o resultado da pesquisa aponta que os professores estão lutando contra essa precarização, ou seja, contra o sistema que está posto em nossa sociedade, pois eles ainda acreditam no papel importante que exercem na sociedade.

Sendo assim, pode-se entender que apesar de todo o sofrimento, com jornadas de trabalho extensa (como dar aulas na rede municipal e estadual), falta de tempo para refletir sobre sua prática, ficar encarregado também de tarefas burocráticas, os professores da rede municipal de ensino de Alto Paraíso de Goiás, resistem e tentam realizar seu trabalho da melhor maneira possível, acreditando em

³Fonte:<http://pt.shvoong.com/humanities/505724-avalia%C3%A7%C3%A3o-da-aprendizagem-escolar-um/#ixzz2LfAEdg9t>

seu papel de educadores e de agentes sociais capazes de transformar o atual quadro da educação e recuperar o prestígio e a importância da profissão docente.

Sabemos que a confirmação destas indicações exigiria uma pesquisa de maior profundidade. Possivelmente, este tema, que não se esgota nas vertentes desta pesquisa, será por mim investigado em futuras investidas de estudos avançados.

Acreditamos ao realizar esta pesquisa que o adoecimento dos professores tem várias causas, mas a que ficou mais evidente, foi à questão de se trabalhar com o coração, pois a rede municipal de Alto Paraíso de Goiás trabalha com a Educação Infantil e o Ensino fundamental I, que são crianças de 0 a 10 anos, onde o trabalho consiste na afetividade. Então, curioso notar que as doenças mais diagnósticas são doenças ligadas ao coração, (depressão, stress, tristeza sem causa aparente, e outras). O que antes era um trabalho tranquilo, hoje, tornou-se complexo e exaustivo.

Diante dos objetivos desta pesquisa, concluímos que os professores estão sofrendo com alguns distúrbios que podem estar relacionados ao trabalho, no entanto, não podemos afirmar essa questão. O podemos afirmar é que no município de Alto Paraíso de Goiás, dos servidores públicos municipais que mais solicitam licenças para tratar da saúde, estes são, de fato, os professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMIDES, M. B. C; CABRAL, M. S. R;. Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador. *São Paulo em Perspectiva*. V.17 n. 1 São Paulo, 2003, s/p. In: www.scielo.br.

APPLE, M. Relações de classe e gênero e modificações no processo de trabalho docente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (60): 3-14, fevereiro de 1987, s/p. In: www.scielo.br.

APPLE, M. *Educação e Poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BARRETTO, E. S, MITRULIS, E. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País. *Estudos avançados*, v.15, n. 42. São Paulo, p. 103-140, 2001

BARROS, M. E. B.; OLIVEIRA, S. P.; MARCHIORI, F.. Atividade de trabalho e saúde dos professores: o programa de formação como estratégia de intervenção nas escolas. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 3, p. 143-170, 2005.

CAÇÃO, M.I. *Jornada de trabalho docente: delineamento histórico da organização do trabalho do magistério público estadual paulista*. Projeto de mestrado. Unicamp. Campinas 2001.

CRUZ R. E. Banco Mundial e Políticas Educacionais: cooperação ou expansão dos interesses do capital internacional? *Revista Educar*, n. 22. Editora UFPR, Curitiba, p. 51 – 75 2003.

GOMES, L.. *Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites*. Projeto de pesquisa de mestrado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENESP/CESTEH, 2002.

GIROUX, H. *A escola crítica e a política cultural*. 3 ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1992.

LAPO, F.R, BUENO, B.O. Professor, Desencanto com a Profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*. N. 118. Março, 2003, s/p. In: www.scielo.br.

LANDINI, S. R. *PROFESSOR, TRABALHO E SAÚDE: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador – professor*. São Carlos, 2006.

LUKACS, G. Il lavoro. In: *Per l'antologia dell'essere sociale*. Roma: Riuniti, 1981. Tradução de IVO TONET

MARX, K. Terceiro Manuscrito. *Manuscritos economicos-filosóficos*. Lisboa: edições 70, s/d, pp.183-262

NAUJOKS, M. I. Stress e Inclusão: Indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades especiais. *Revista do Centro de educação*. São Paulo N.20. 2002, s/p

NÓVOA, A.. Para o estudo sócio – histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: *Teoria & Educação* nº. 4, Porto Alegre: Pannonica Editora Ltda., 1991, p.109-139.

OLIVEIRA, D.A; GONÇALVES, G. B.; MELO, S. D; FARDIN, V. ; MILL, D. . Transformações na Organização do Processo de Trabalho Docente e suas Conseqüências para os Professores. *Trabalho e Educação*. Belo Horizonte, v. 11, 2002, p. 1 - 15.

OLIVEIRA, D. O. Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes. In *Educ. Soc.* Vol26 n. 92. Campinas, 2005, s/p.In: www.scielo.br.

ROCHA, A.P, FAGUIN, E. C. Gestão da Política Educacional sob a Égide de

Determinações Políticas, Ideológicas e Econômicas do Neoliberalismo. *Serviço Social em Revista*. Londrina, 2006. In: www.ssrevista.uel.br/

SELIGMANN-SILVA, E. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora UFRJ/Cortez Editora, 1994.

SILVA, Clara Teixeira da. *Saúde do trabalhador: um desafio para qualidade total no Hemorio*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

SANTOS, Kionna Oliveira, et al. – Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ -20) em população urbana. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 25 (1): 214-222, jan. 2009.

ANEXOS

ANEXO 1- SRQ

O (A) SR (A). PODERIA POR FAVOR, RESPONDER ÀS SEGUINTE PERGUNTAS A RESPEITO DA SUA SAÚDE:

Humor Depressivo Ansioso		
01 – Assusta-se com facilidade?	Sim	Não
02 – Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?	Sim	Não
03 – Tem se sentido triste ultimamente?	Sim	Não
04 – Tem chorado mais do que de costume?	Sim	Não
Sintomas Somáticos		
01- Tem dores de cabeça frequentemente?	Sim	Não
02- Tem falta de apetite?	Sim	Não
03- Dorme mal?	Sim	Não
04- Tem tremores de mão?	Sim	Não
05 – Tem má digestão?	Sim	Não
06 – Tem sensações desagradáveis no estômago?	Sim	Não
Decréscimo de Energia Vital		
01 – Você se cansa com facilidade?	Sim	Não
02 – Tem dificuldade para tomar decisões?	Sim	Não
03 – Encontra dificuldade para realizar com satisfação suas atividades diárias?	Sim	Não
04 – Tem dificuldade no serviço (seu trabalho é penoso, causa sofrimento)?	Sim	Não
05 – Sente-se cansado (a) o tempo todo?	Sim	Não
06 – Tem dificuldade de pensar com clareza?	Sim	Não
Pensamentos Depressivos		
01 – É incapaz de desempenhar um papel útil e sua vida?	Sim	Não
02 – Tem perdido o interesse pelas coisas?	Sim	Não
03 – Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	Sim	Não
04 – Tem tido ideias de acabar com a vida?	Sim	Não

3ª Parte: As perspectivas profissionais

Minhas perspectivas profissionais

“Levar o aluno a querer aprender implica um acordo tanto com educandos, fazendo-os sujeitos, quanto com seus pais, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes quão importante é sua participação e fazendo uma escola pública de acordo com seus interesses de cidadãos” (PARO, 1995 b, p.I).

Durante o curso de pedagogia, mais especificamente nos momentos em que foi necessário realizar visitas nas unidades escolares, comecei a observar que, mesmo em uma cidade pequena e tranquila como Alto Paraíso de Goiás, os pais não encontram tempo para estarem presentes na vida escolar de seus filhos. Isso começou a me preocupar, principalmente pelo fato de considerar extremamente importante a atuação dos pais no contexto citado acima.

Quanto na primeira fase do estágio, tivemos que realizar um projeto de intervenção em uma unidade escolar, logo me deparei com uma oportunidade de fazer algo para minimizar essa lacuna que existe entre pais e escola. Esse meu desejo foi fortalecido quando em conversa com a direção da unidade escolar onde estava realizando o estágio supervisionado, me relataram que a maior dificuldade encontrada pela mesma era a ausência dos pais.

Com essa declaração, pensamos em realizar o projeto de intervenção em cima desta problemática. Foi projeto foi ótimo e obtive bons resultados, no entanto para suprir essa problemática, demanda-se de tempo, e cada vez mais de aperfeiçoamentos no projeto.

Como o tempo de aplicação do referido projeto era curto, a direção se dispôs a dar continuidade no mesmo, mas, mudanças surgiram e a direção da escola foi modificada, o que acarretou na paralisação do projeto.

Diante dessas questões, tenho como plano de ação futuro, retomar o projeto e expandi-lo para as demais unidades escolares municipais de Alto Paraíso de Goiás.

Tornei-me recentemente, como Gerente de Educação do municipal, Coordenadora de projetos dentro da Secretaria Municipal de Educação, essa nova função me proporcionará uma nova oportunidade de desenvolver um projeto que vise conscientizar os pais sobre a importância de estar presente na vida escolar de seus filhos e como isso favorece no processo de ensino-aprendizagem do mesmo. E como citado por Paro:

“é aqui que entra a questão da participação da população na escola, pois dificilmente será conseguida alguma mudança senão se partir de uma postura positiva da instituição com relação aos usuários, em especial pais e responsáveis pelos estudantes, oferecendo ocasiões de diálogo, de convivência verdadeiramente humana, numa palavra, de participação na vida da escola” (PARO, 2007, p.16).

Paro (2000), realizou um estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos do ensino fundamental, o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, pois para ele, a escola não “assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares” (p.16). O autor se remete ao fato de que, a atual escola dos filhos, é bastante parecida com a escola que os pais frequentaram, e por isso, estes últimos não deveriam sentir-se tão distanciados do sistema educacional, e também o professor, embora admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la.

Pude perceber em minhas visitas na unidade escolar, que esse distanciamento citado por Paro é realmente grande, e com a diminuição desse distanciamento a escola ficará fortalecida com a colaboração dos pais.

Diante dessas questões tenho como perspectiva profissional efetivar o andamento de projetos que amenizem essa questão.

Outra perspectiva profissional que tenho esta próxima de se realizar. Iniciarei em Julho do corrente ano, minha primeira pós-graduação, que será voltada para a área de Gestão Educacional, pois, é a área em que pretendo atuar. Creio que esse

momento de aperfeiçoamento deve ser constante, assim, não pretendo ter aquele “descanso” que muitos falam. Em breve pretendo também realizar uma graduação na área de Biologia e especializar-me em Meio Ambiente.

Ao fim deste trabalho, percebi a necessidade de realizar uma pesquisa de mais aprofundada, indo a campo e observando as reais condições de trabalho dos professores da educação básica do municipal de Alto Paraíso de Goiás, o que me proporcionará fazer uma análise para perceber se, os problemas de saúde dos professores tem ligação direta com as condições de trabalho ou se no caso de Alto Paraíso de Goiás as ações sobre a saúde são causadas por invasores de fora da unidade escolar.

Até que ponto as condições de trabalho dos professores de Alto Paraíso de Goiás esta afetando na saúde dos professores da educação básica do município?